

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	1
Título: Petrobras viverá momento de transformação nos anos 2020	1
Título: Minério e petróleo têm alta expressiva no ano.....	4

VEÍCULO: Valor Econômico
Data: 02/01/2020
Seção: Empresas
Autor: André Ramalho e Rodrigo Polito — Do Rio
Título: Petrobras viverá momento de transformação nos anos 2020

Os anos 2020 prometem ser de profundas transformações para a Petrobras. Diferente do momento auspicioso do início dos anos 2010, quando a petroleira vivia as benesses da alta do petróleo no mercado internacional e se consolidava como uma empresa integrada de energia, a estatal caminha agora para se tornar, nos próximos anos, uma empresa mais enxuta, concentrada apenas nos projetos de maior retorno, com foco em exploração e produção de óleo e gás.

O reposicionamento estratégico traz boas perspectivas de rentabilidade para seus acionistas (incluindo a União). Por outro lado, aumenta a exposição da

companhia aos riscos das flutuações de uma indústria acostumada a picos e vales, na avaliação de especialistas consultados pelo **Valor**.

O atual plano de negócios da Petrobras prevê a saída da estatal de campos maduros em terra e águas rasas, da petroquímica Braskem, dos setores de transporte e distribuição de gás natural e da produção de biocombustíveis e fertilizantes. Além disso, a petroleira vai reduzir sua fatia no refino.

Geograficamente, a Petrobras se concentrará cada vez mais no Sudeste. A empresa venderá todas suas refinarias fora do eixo Rio-São Paulo e pretende sair de campos terrestres e em águas rasas - concentrados, sobretudo, no Nordeste. A petroleira espera também se desfazer dos ativos remanescentes na América do Sul, heranças de um plano de internacionalização que ganhou corpo nos anos 2000, mas que já está praticamente desfeito. O reposicionamento representa, assim, a desconstrução da visão de uma Petrobras propulsora do desenvolvimento econômico em âmbito nacional e como uma empresa integrada, com presença relevante em todos os elos da cadeia.

O presidente da Petrobras, Roberto Castello Branco, espera que esse movimento de transformação se acentue nos próximos dois anos. Vale lembrar que a companhia assinou dois termos de compromisso com o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) para vender metade de sua capacidade de refino e todos os seus ativos em distribuição e transporte de gás até o fim de 2021.

“Até 2022, esperamos que a Petrobras seja bem diferente de como é agora”, afirmou o executivo, em dezembro, durante apresentação do novo plano de negócios 2020-2024 a investidores em Londres, na Inglaterra. “Estamos fortalecendo nossa competitividade nesse negócio [refino] e saindo totalmente da exploração e produção em águas rasas e em terra”, completou o executivo.

A previsão da petroleira é reduzir sua dívida bruta dos atuais US\$ 88 bilhões para abaixo de US\$ 60 bilhões em 2021

A expectativa é que a Petrobras se consolide como uma grande exportadora de petróleo cru. A empresa exporta, atualmente, cerca de 600 mil barris diários e vê espaço para aumentar sua participação no mercado global, frente ao crescimento da demanda internacional por produto com baixo teor de enxofre, caso do óleo do pré-sal. A previsão é que a produção da companhia suba dos 2,7 milhões de barris diários de óleo equivalente (BOE/dia) em 2019 para 3,5 milhões de BOE/dia em 2024.

Para o sócio da área de energias e recursos naturais da KPMG, Anderson Dutra, o movimento da Petrobras é positivo, na medida em que a companhia está

saindo de ativos não prioritários para se concentrar no pré-sal, onde a estatal possui vantagens competitivas e custos de extração baixos. “Enxergo, no futuro, uma empresa mais focada e especializada, com uma rentabilidade muito boa”, diz.

Segundo Godofredo Mendes Vianna, sócio sênior do escritório Kincaid Mendes Vianna, o movimento da Petrobras de se concentrar em exploração e produção é irreversível. “O comportamento dela de vender os negócios acessórios é um sinal bem claro disso. Faz todo o sentido ela se concentrar naquilo que lhe traz mais retorno e ficar uma empresa mais leve”, afirmou.

A expectativa da estatal é levantar, nos próximos anos, entre US\$ 20 bilhões e US\$ 30 bilhões em desinvestimentos. Com isso, a previsão da Petrobras é reduzir sua dívida bruta dos atuais US\$ 88 bilhões para abaixo de US\$ 60 bilhões em 2021 e, assim, aumentar a distribuição de dividendos.

Rodrigo Leão, coordenador do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis Zé Eduardo Dutra (Ineep), vinculado à Federação Única dos Petroleiros (FUP), por sua vez, contesta o enfoque quase exclusivo da companhia na atividade de exploração e produção - que absorverá 85% dos investimentos para 2020-2024, de US\$ 75,7 bilhões.

Segundo Leão, a saída da Braskem e da produção de biocombustíveis, além da redução de sua presença no refino, colocam a petroleira numa situação de dependência das variáveis do mercado externo (como preços e demanda), num movimento “atípico” em relação aos seus pares globais.

Ele lembra que as grandes estatais de países em desenvolvimento, sobretudo da China, Índia e Arábia Saudita, têm investido na expansão do parque de refino para reduzir a dependência dos derivados do exterior. Já as grandes petroleiras europeias, em contrapartida, têm investido de forma agressiva no segmento de renováveis, de olho na transição energética para uma economia de baixo carbono.

“As petroleiras desses países têm estratégias diferentes, mas convergem na preocupação de não se concentrarem apenas em exploração e produção. A Petrobras está fazendo o caminho que as outras estão evitando, de depender de exportações de óleo cru. Ela está olhando muito para o curto prazo”, defende Leão, ao lembrar que o plano de negócios anterior previa parcerias com a francesa Total para eólicas offshore (marítimas), mas que o projeto foi abandonado. “A curva de aprendizado de uma petroleira no desenvolvimento de energias renováveis não é trivial. Deixar para apostar nisso apenas no futuro é um risco de que se perca a transição”, afirma.

O pesquisador do Inep também questiona a venda da Braskem. A Agência Internacional de Energia (AIE) projeta que, diante do impacto da eletrificação dos carros sobre o consumo de combustíveis, um terço do crescimento da demanda de petróleo virá da petroquímica em 2030. “Os derivados têm um ciclo de preços menos instável, seguram mais a volatilidade do mercado do que os preços do óleo cru. Ajudam a atenuar a volatilidade”, explica.

Dutra não concorda com a avaliação de que a saída da Petrobras da Braskem e renováveis prejudicará sua inserção na transição energética. Segundo ele, a expectativa é que, ao fim do ciclo de desinvestimentos dos próximos anos, a estatal reduza significativamente a sua dívida, o que colocará a empresa numa situação confortável para a retomada de investimentos.

“A Petrobras produzirá nos próximos anos muito gás associado ao petróleo. Isso lhe dá uma vantagem competitiva, num momento em que o gás natural é visto como combustível para a transição energética. O petróleo e o gás ainda serão relevantes na matriz energética mundial por muito tempo. No futuro, com a dívida controlada, ela estará em condições de se posicionar em renováveis. A Petrobras tem uma expertise em engenharia offshore e tem condições de assumir, de forma rápida, um papel relevante na tecnologia de geração eólica em alto mar”, comenta.

O comando da empresa tem defendido que a grande contribuição da companhia para a redução das emissões globais está na melhoria da eficiência operacional da sua produção, a partir da captura de carbono. A companhia tem planos, ainda, de manter um investimento de US\$ 70 milhões/ano em pesquisa e desenvolvimento em descarbonização e renováveis.

Dutra também destacou que, apesar da redução de sua participação no mercado de gás, a Petrobras tem a ambição de se manter como principal produtora do energético no país, com uma fatia de 50% da comercialização no mercado interno. Leão contesta, nesse sentido, a intenção da estatal de vender sua participação em gasodutos de escoamento. O risco, segundo ele, é que a alienação desses ativos acabe resultando no aumento das despesas operacionais com a contratação de terceiros.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 02/01/2020

Seção: Ana Paula Machado — De São Paulo

Autor:

Título: Minério e petróleo têm alta expressiva no ano

O ano de 2019 foi marcado pela influência da guerra comercial entre Estados Unidos e China sobre as commodities no mundo. A demanda, seja por minério de ferro ou petróleo, foi desbalanceada durante o ano e os países e organizações tiveram que implantar medidas para que as cotações não despencassem, mesmo em um ambiente de oferta limitada no caso do minério.

O resultado no acumulado do ano mostra que a estratégia deu certo. O barril do petróleo tipo Brent, referência mundial, acumulou alta de 22,2% em 2019, cotado a US\$ 66 o barril. Já o minério de ferro transoceânico, com teor 62% de metal negociado no porto chinês de Qingdao, fechou o ano com valorização de 26,7 %, a US\$ 92,13 a tonelada - é o maior valor ao fim de um ano desde 2013, quando atingiu a marca de US\$ 134,69 a tonelada. Somente em dezembro, a cotação do Brent registrou alta de 5,7%. O minério acumulou aumento de 5,34% no último mês do ano.

Para Gabriel Francisco, analista de energia e petróleo da XP Investimentos, os esforços da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) para reduzir a oferta mantiveram os preços em patamar aceitável, em torno de US\$ 60 a US\$ 70 barril. “Na última reunião, em dezembro, a Opep votou por ampliar a cota para cada país. São mais 500 mil barris ao dia que cada produtor deixará de produzir. Esse corte vai durar até março. A medida foi bem positiva para o mercado, pois elimina um pouco o risco sobre a oferta”, disse Francisco.

A grande expectativa, do lado da demanda, é o acordo entre China e EUA que deve retirar a pressão por preços das commodities em 2020. “Acreditamos que não teremos grandes ralis de preços para o petróleo em 2020. Deveremos ter um ano mais calmo, está apontando para isso. As perspectivas do acordo comercial e do crescimento da economia mundial indicam que será um ano sem grandes sobressaltos em relação a preço”, disse Francisco.

No caso do minério de ferro, 2019 começou com a tragédia da Vale em Brumadinho (MG) - o rompimento da barragem Córrego do Feijão - reduzindo bruscamente a oferta. A expectativa agora é de volta aos níveis de produção anteriores. Com isso, a relação entre oferta e demanda deve se equilibrar em 2020, sobretudo a partir do segundo trimestre. E para os preços, na estimativa dos analistas, a previsão é de manutenção dos níveis atuais. A avaliação é de Yuri Pereira, analista de siderurgia, mineração, papel e celulose da XP Investimentos.

Para Carsten Menke, chefe da Next Generation Research, do Julius Baer, os preços de minério devem ser pressionados para baixo em razão da boa oferta mundial, principalmente com a volta de mais 30 milhões de toneladas que devem ser colocadas no mercado pela Vale em 2020.

“Os preços mais altos do aço e o clima melhor do mercado também elevaram os preços do minério de ferro para cerca de US\$ 90 por tonelada. Uma desaceleração sazonal na produção de aço, que pesará sobre a demanda das siderúrgicas por minério de ferro, e suprimentos suficientes da Austrália e do Brasil, os maiores exportadores do mundo, provavelmente reduzirão os preços ao longo do próximo ano”, diz em relatório.

MME / ASCOM .